ANO II BARCELOS, 18 DE JANEIRO DE 1934 Nº. 82

B. P. E. BIBLIOTECA

Notícias de Barcelos

Director—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

NA CAPITAL DO DISTRITO

Sob a presidencia do ilustre Governador Civil sr. Capitão Lucinio Preza, realisou-se, no domingo, uma memorável sessão de propaganda do Estado Novo.

Milhares de pessoas aplaudiram os oradores, o Estado Novo, : : : o Doutor Oliveira Salazar e o Chefe da Nação. : : :

A segunda sessão de propaganda do Eslado Novo promovida pela Comissão Distrital da União Nacional, de colaboração com o Chefe do Distrito, realisada na tarde de domingo ultimo, no Teatro Circo de Braga, constituiu uma brilhante jornada de grande alcance politico.

Braga e todo o distrito ali se fizeram representar por pessoas de todas as categorias sociais, provando assim, duma maneira clara e insofismavel, o seu incondicional apoio á grande obra de ressurgimento nacional que o Governo da presidencia do grande estadista Doutor Oliveira Salazar, vem levando a cabo.

Do nosso colega «Correio do Minho» transcrevemos:

Presidiu o capitão sr. Lucinio Preza, governador civil de Braga.

A' sua direita sentaram-se os srs. Alberto Carlos de Magalhães e Menezes, presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Braga, o major sr. Alexandre de Paiva de Faria Leite Brandão, presidente da Comissão Distrital da União Nacional e os oradores, srs. drs. Luiz de Almeido Braga, Feliz Barreira e Furtado Martins.

A' esquerda tomaram logar os srs. drs. Antonio Abranches, Miranda da Rocha, Alberto Cruz e Augusto Cerqueira Gomes.

O major sr. Alexandre de Paiva Faria Leite Brandão usou da palavra em primeiro lugar e na sua qualidade de representante no distrito de Braga da União Nacional, agradeceu aos oradores distintos que deram o seu concurso á sessão de propaganda realisada no mez findo, tecendo o elogio de cada um. Aos oradores indicados para a sessão que ia principiar dirigiu tambem os seus melhores agradecimentos por colaborarem na obra eminentemente nacional que o governo presidido pelo dr. Oliveira Salazar está desenvolvendo.

O público sublinhou com palmas as ultimas palavras do major sr. Paiva Brandão.

E' concedida a palavra ao sr. dr. Feliz Barreira, antigo parlamentar e que ha anos ocupou, revelando excepcionais qualidades de politico, o cargo de chefe de gabinete do então presidente do ministerio sr. dr. José Domingues dos Santos.

A assistencia recebe o orador com palmas, e o sr. dr. Feliz Barreira começa por dizer que durante os ultimos cem anos «Portugal viveu em constante e angustioso estado de declinio, incerteza no seu futuro, incapaz de se administrar não só no continente como no seu vasto império colonial, governado, por assim dizer, por homens que não tinham a compreensão do ambiente internacional que os envolvia»

Cita depois um livro no qual Gustavo Le Bon indica Portugal como paiz de finanças arruinadas e industria e comércio quasi nulos.

Para focar a posição internacional portuguesa no declinio da nacionalidade, refere-se a Salisbury e ao pacto elaborado p lo principe de Bulow para a distribuição das colonias portuguesas.

A seguir o sr. dr. Feliz Barreira enalteceu a obra de ressurgimento que a Ditadura vem desenvolvendo em Portugal e termina assim:

«Contas . Algarismos... Contas sagradas, contas que se rezam, porque elas, agora, são o penhor da salvação da Republica e de Portugal.

Contas que eu entrego neste momento á consciencia daqueles que só vieram aqui intencionalmente para me ouvir, para que a sua consciência, em face do ressurgimento da Patria, lhes peça tambem... as suas contas».

O orador foi muito aplaudido.

Fala a seguir o digno presidente da Camara de Barcelos sr.

Dr. Furtado Martins

O seu discurso brilhante é um hino ao Estado Novo.

Sua Excelencia diz:

Excelentissimo Senhor Governador Civil
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Solicitado para usar da palavra nesta sessão de propaganda do Estado Novo promovida pela União Nacional, eu entendi, por coerência para comigo mesmo, que não devia faltar, que não podia desertar.

Não esperem Vossas Excelências palavras brilhantes, conceitos doutrinários uovos; a minha incompetência, e o espaço de tempo que me foi reservado, obriga-me a ser breve.

Sobre meia dúzia de factos e outras tantas ideias, vou reduzir as minhas palavras; dos factos não sei quais escolher, das ideias, não sei quais as que precisam de ser mais encaradas.

* * *

Impôs-se a Ditadura Nacional restaurar em Portugal toda uma obra em ruínas; ruínas no campo político, ruínas no campo financeiro, ruínas no campo económico e social, impôs-se realizar uma obra nova, restabelecer o fio quebrado na administração das coisas públicas.

Tem-no conseguido?! ..

Só com uma grande má-fé se pode afirmar o contrário.

Por ordem, com método, subordinado a um sistema, o Govêrno, na sua prudente administração, tem feito tudo o que tem podido, tem feito tudo o que é necessário.

Doutrinas e erros acumulados por uma mentira política, que ainda hoje se mostra teimosa e pretende ofuscar a verdade dos factos e das coisas, fizeram com que em Portugal e durante tantos anos, nada se fizesse a não ser destruir.

Longo tempo durou essa destruição; destruição tão grande, que se não fosse a nossa unidade, a grande vitalidade da nossa Pátria e do nosso Povo, nós não teríamos uma agonia tão longa, nem teríamos tempo para esperar o remédio e a salvação.

Só um grande povo, com uma noção de continuidade como o nosso, podia sem dúvida resistir.

Era uma política de aventura, animada por um Parlamento irresponsavel, baseada em ideias estranhas e adaptadas à última hora, ideias que nos tornaram tão diferentes e tão estranhos, que tanto nos dividiram, a nós, que eramos tão unidos, e que lançaram a discórdia na pequena Casa Portuguêsa.

O 28 de Maio não foi uma revolução no sentido corrente que a palavra vai tomando; foi o renascer de um Povo de uma agonia, o renascimento de uma consciência perdida.

Por caminhos curtos mas seguros se tem caminhado desde então; fechou-se uma casa onde a honra do País estava em leilão, acabou-se com um regime onde a mentira era a deusa que imperava... e depois, depois, deu-se novo rumo à nossa administração, equilibrando as finanças, pois é na riquesa material dum povo, que tem de assentar nãr só a solução de todas as questões materiais, mas ainda as grandes reformas políticas e sociais.

Alguém, o Homem que neste momento dirige os negócios da nossa Pátria, **SALAZAR**, disse, que era preciso substituir toda essa política de mentira, por uma *política de verdade*, lema, que só por si sintetisa um admiravel programa.

Mercê de uma *política de verdade*, temos as nossas contas equilibradas, temos o nosso crédito restabelecido, temos o dia de amanhã assegurado e temos em pleno progresso todos os sectores da vida portuguesa.

Este esfôrço tão grande, êste caminho percorrido há sete anos, marca incontestavelmente um exemplo tão grande, que Portugal hoje, já não é aquele País que se veste mal, porque só sabe ataviar-se por figurinos estrangeiros talhados por maus alfaiates, mas sim, um País que impõe modêlos, que outros já vão copiando...

A nossa obra, a obra dos bons portugueses é atacada; mas ainda não vi crítica que tivesse a alicerçá-la a verdade ou o bom senso.

A' política de verdade imposta por Salazar, continuam os nossos inimigos, aqueles que esqueceram que deviam ser nossos irmãos, a atacá-la, teimando em continuar com uma *política de mentira*, sinal e aviso certo, de que ainda se não emendaram, de que continuam ainda os mesmos.

Disse há pouco tempo *Salazar*, que os nossos inimigos nos levam vantagens na propaganda.

Eles podem mentir, eles podem enganar, pois estão adentro da sua lógica e dos princípios que sempre serviram. Nós, não; nós imposemo-nos realizar uma obra, que contraste pela verdade.

Só assim se pode admitir e explicar, que apareça quem diga lá fóra e cá dentro, que isto que vai mal, que em Portugal há fome e governa a tirania, que as contas públicas em vez de darem saldo, teem fechado com grandes deficits.

Há alguém, que sem saír fóra do espaço da sua casa ou da sua aldeia possa acreditar em semelhantes monstruosidades?...

O que se faz e está fazendo aqui e ali, não é a prova do contrário?

Desde e quando, é que os nossos inimigos vieram ao encontro do Povo, com que tanto berravam e que quasi ia matando, quando é que, a noção de Estado se identificou tanto com a da Nação!...

Porque é que á Nação e ao Govêrno tem custado tanto a resolver todos os probiemas pendentes, a sanear a vida portuguesa?...

Porque por certo tudo estava por fazer.

Fazia-se política pela política, e elevou-se a tal ponto êsse conceito, que o ser politico era possuir certos segredos de magia, certas artimanhas, mas sempre ou quási sempre, a incompetência ou a ignorancia.

Que um País não tenha nada, não tenha crédito, não tenha vias de comunicação, não tenha uma armada, ou um exército disciplinado e apetrechado, não tenha uma economia próspera com as suas fontes de riqueza e de produção em plena actividade, pouco interessa; bastava que tivesse política e uns certos profissionais para a manterem e animarem.

A Ditadura, Minhas Senhoras e Meus Senhores, não veio para acabar; a Ditadura não veio só para fazer estradas ou portos, reconstituir a economia da Nação, encher os cofres públicos de dinheiro, não; isso pensaram-no os nossos inimigos nos primeiros tempos; pensaram que a Ditadura veio para economizar o que êles esbanjaram, e que uma vez saneadas as finanças, ela se iria embora, que Salazar nada mais teria a fazer, e que êles vinham novamente auferir os lucros e tirar o partido da riqueza acumulada.

Até essa altura, êles mantiveram-se calados, julgaram-na talvez benéfica até, como já afirmou Salazar, mas, logo que viram que a Ditadura tinha um programa maior, mais completo e mais vasto, que queria restabelecer, que queria dar uma nova estrutura á vida da Nação, que queria desalojá-los de vez, então, então, surge o combate por todas as formas, surgem as alian-

Continua na 3.ª página

ECOS SEM ECO

Educação

(Continuação)

«A criança nem quieta nem calada»

E' máxima antiga e assaz verdadeira; porém, quantos educadores o esquecem com prejuizo da educação dos seus.

E' indispensável, no melindroso ministério de educar, contar com as inclinações infantis para tudo que seja mecher, bulir, quebrar, escangalhar destruir, lançar abaixo da janela, numa palavra, fazer mal; com isto é preciso contar sempre; ainda que, há crianças mais buliçosas e traquinas que outras; mas nós antes nos queremos com aquelas que com estas, mormente se são inclinadas á moleza, ao *nem lá vou nem faço minga.*

O Educador tem de atender, com o maximo cuidado, ao caracter e indole dos educandos, quaisquer que êles sejam, pois que sem êsse cuidado, a educação torna-se inútil, senão prejudicial.

A ciência de educar

é ultra-sublime quando norteada pelos sãos principios e normas da boa educação; normas que são conhecidas de poucos pais e demais educadores; e menos ainda, que as ponham em prática.

Julga-se, em geral, que as mesmas teorias e regras se aplicam aos educandos em geral, a começar no mais velho e a acabar no mais novo... se bem que as regras para êste são as que ditam o mimo e a mimalhice.

Não há aquele estudo reflectido sôbre a indole de cada educando, e aplica-se a todos o mesmo critério educativo. Não pode ser,não deve ser; é preciso que *quem de direito* apostolize as normas ou regras da ciência educativa; que por meio da imprensa—gazetas e livros—se tornem conhecidos os sistemas educativos de melhores resultados práticos na educação.

Vamos tentar algumas breves reflexões sôbre um método, o melhor que conhecemos.

O método preventivo

já hoje assaz conhecido e experimentado, depois das lições teóricas do grande pedagogista do século XIX o bem-aventurado João Bosco. O método preventivo, como a palavra o está a dizer, tem por fim especial na educação o de prevenir as faltas, que não remediá-las.

E' método excelente em seus resultados, quando inteligentemente aplicado; e dizemos inteligentemente, não porque exija excecional inteligência ou cultura, não; o mais humilde e ignorante dos superiores—pais, mestres, patrões ou outros educadores pode e deve uzar êste método com vantagem.

Para isso basta só que se revista daquelas virtudes, em outro artigo enunciadas, e indispensáveis para os educadores, ou sejam a humildade e a caridade cristã,a que poderemos juntar como inseparável companhia, e que o é de tôdas as virtudes, a prudência.

O bom educador terá sempre presente o ditado dos antigos—*mais vale prevenir que remediar*—e uma vez num exercício da sua altissíssima função tem que guiar, vigiar, acompanhar, corrigir seus educandos.

E tendo-os sempre debaixo dos olhos, por si ou outrém, evitarão que seus educandos cometam muitas faltas e antes cumpram o seu dever.

A vigilância é muito, e falta esta muitas vezes na educação; mas não é tudo; é preciso guiar e corrigir suavemente as crianças de modo que elas se compenetrem bem do cumprimento de seus deveres, e guiadas em seus passos e corrigidas em suas inclinações más.

Serão no futuro membros dignos da família e da sociedade.

Ao contrário, abandonadas a si mesmas, sem guia nem correctivo serão malfeitores da humanidade.

E... continua. **P. M.**

PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

A JORNADA DE DOMINGO EM BRAGA

Braga, de onde partiu a arrancada redentora do 28 de Maio, marcou, no domingo passado, uma jornada brilhante na marcha triunfal do Estado Novo.

No teatro-circo, sob a presidência do ilustre Governador Civil sr. capitão Licinio Preza, o capitão Preza do 28 de Maio, realisou-se uma sessão de propaganda do Estado Novo, promovida pela comissão distrital da União Nacional, a que presidiu o antigo Governador Civil de Faro e comandante de infantaria 8 no 28 de Maio, sr. Major Paiva Brandão.

Sessão notável pelos discursos nela proferidos pelos srs. Major Paiva Brandão, dr. Furtado Martins, dr. Feliz Barreira, e o mestre do nacionalismo português e artista de pena e de palavra dr. Luiz de Almeida Braga;e sessão notável tambem porque a ela assistiram, com a sua significação própria,as representações oficiais do nacional-sindicalismo na nova posição dêsse agrupamento, vendo-se ao lado da mesa de presidência o sr. dr. Augusto Cerqueira Gomes, chefe distrital do N. S., ostentando a braçadeira distintivo, tal como numerosos nacionais sindicalistas que se viam na sala, ocupando um camarote o delegado especial que o Directorio N. S. nesse dia enviara a Braga, rodeado por alguns chefes concelhios, todos ostentando as respectivas braçadeiras.

O discurso de apresentação dos oradores daquela sessão e dos da anterior, proferido pelo sr. major Paiva Brandão, tem para nós barcelenses uma nota credora da nossa gratidão pela forma como, ao apresentar o sr. dr. Furtado Martins, se referiu a Barcelos.

A seguir o presidente da nossa câmara, dr. Furtado Martins leu uma conferência de conceitos doutrinários próprios da sua mentalidade nacionalista, fazendo notar que não basta dizer-se nacionalista mas que é preciso saber-se sê-lo, repudiando os vícios do sistema liberalista.

Falou depois o sr. dr. Feliz Barreira, secretario geral do Governador Civil, que vindo do campo oposicionista, ali foi dar a sua adesão política á obra do dr. Salazar.

Republicano, acentuando o seu republicanismo, nele mesmo encontrou a determinante da sua adesão á obra de equilíbrio das contas públicas, e de restauração do bom nome e prestigio de Portugal lá fora, que o orador pôs em contraste com os conceitos depreciativos que, de livros de varias notabilidades políticas estrangeiras, publicados antes da Ditadura, citou.

Por último falou o sr. dr. Luiz de Almeida Braga, figura marcante na intelectualidade portuguesa, que, como nacionalista de há 20 anos, e evocando a memoria do mestre Sardinha, seu companheiro, começou por bem dizer da hora presente em que vê, começada pelo dr. Salazar, a realização prática das verdades do nacionalismo português.

Peça oratória, digna de quem a criou e disse, o discurso do sr. dr. Almeida Braga tornou-o dominador da assembleia, a quem deu uma das suas magistrais lições, fazendo-a vibrar do maior entusiasmo.

A sessão terminou com vivas a Portugal, ao Dr. Salazar e ao Estado Novo.

—

Antes da sessão a que nos referimos, outra se tinha realisado na Sede do Secretariado Distrital de Braga do Nacional Sindicalismo.

Era a primeira reunião distrital depois da integração na nova organica N. S., e a ratificação de posse conferida por delegado especial do Directorio ao sr. dr. Augusto Cerqueira Gomes, do cargo de chefe distrital de Braga.

E, pela primeira vez, em reunião de alistados, o Directorio expunha as directrizes resultantes de posição fixada ao N. S. no serviço do Estado Novo, chefiado pelo dr. Salazar.

Com o cerimonial proprio daquela organisação, foi recebido o delegado especial do Directorio á entrada do edificio, sendo nesse momento içada na varanda exterior a bandeira de Cruz de Cristo.

Assumida a presidência pelo delegado do Directorio, tendo a secretariá-lo o sr. dr. Miranda da Rocha, delegado distrital do sub-secretariado da corporação e o sr. alferes Queiroga, da cavalaria 9, foi conferida a posse ao dr. Cerqueira Gomes e aberta a sessão.

Falaram os chefes concelhios de Barcelos, dr. Antonio Pires de Lima; de Fafe, dr. Guilherme de Vasconcelos e de Famalicão dr. José de Oliveira, e o sr. dr. Cerqueira Gomes, que fez uma verdadeira conferência doutrinária.

Todos os oradores foram constantemente interrompidos com aplausos calorosos da assistência que, pelas salas, corredores, escadas e portal do prédio seguia os oradores através de alto falantes colocados em vários pontos.

Logo apos o início da sessão, deu entrada na sala o ilustre Governador Givil sr. capitão Preza e o comandante da polícia sr. Tenente Gaspar, que foram saudados com a saudação própria, e convidados a ocupar lugares á direita e esquerda da cadeira da presidência.

O sr. dr. Cerqueira Gomes, em interrupção, saudou os dois representantes do Poder, salientando as qualidades do sr. capitão Preza, d 28 de Maio, a individualidade querida de todos os nacionais sindicalistas, que muito lhe devem.

Por último levantou-se o delegado especial do Directorio, sr. dr. Joaquim Pais de Vilas-Boas, que. depois de saudar o sr. governador civil, como representante do Estado Novo, a que o N. S. serve, e a pessoa do sr. capitão Preza do 28 de Maio, a quem o N. S. considera como seu camarada,—deu comêço á leitura do discurso de fixação de posição do N. S. especialmente perante o Estado Novo e a U. N. com que actua, em convergência no serviço do Estado Novo de Salazar.

Fechando o seu discurso com a evocação da memória dos mortos que chamou presentes, saudou o dr. Salazar, a Bandeira da Cruz de Cristo e Portugal.

Fazendo cessar o delirio das aclamações e depois de transmitida pelo microfone e ordem a todos os filiados para comparecerem no Teatro Circo na sessão promovida pela U. Nacional, levando como unico distintivo a braçadeira, o delegado do Directorio anunciou que ia falar o sr. Governador Civil.

Em breves palavras, S. Ex.ª agradeceu a manifestação de que esa alvo e que acentuou ser justa no afecto que ela significava pois não fazia mais do que corresponder aos sentimentos seus para com o N. S.

Acrescentou que se sentia muito feliz naquela hora em que, como Governador Civil, oficialmente podia entrar naquela casa.

Como camaradas lhes falou, como amigos, razão porque, sem discurso preparado, lhes dirigia as palavras de sincera saudação e, com elas, gritava Portugal, Portugal, Portugal, viva! Salazar, Salazar, Salazar, viva!

Indescriptivel o entusiasmo das aclamações emquanto o delegado do Directorio abraçava o sr. Governador Civil e o dr. Cerqueira Gomes.

O policiamento interno e a guarda da Bandeira eram feitos por um grupo de 20 filiados uniformisados de camisa azul e braçadeira, estando detraz da cadeira presidencial a bandeira que era empunhada pelo estudante, nosso patricio, Joaquim Paes, filho do delegado especial do Directorio.

—

Barcelos sente tambem satifeito o seu orgulho nacionalista pela triunfal jornada de Braga, de domingo ultimo.

Numerosos os barcelenses que, a convite da União Nacional foram a Braga. E duas caminhetas conduziram os nacionais sindicalistas de Barcelos.

E, sem esquecer as delicadas referencias muito especiais a Barcelos, feitas pelo sr. major Paiva Brandão no seu discurso no Teatro, não podemos deixar de notar que barcelense, e presidente da nossa Camara, foi um dos brilhantes oradores na sessão promovida pela U. N.

Barcelense tambem o delegado especial do Directorio do N. S., sr. dr. Joaquim Paes de Vilas Boas.

E hoje barcelense tambem o chefe local N. S. sr. dr. Pires de Lima nosso brilhante colaborador.

Uma adesão

O sr. Dr. José de Castro Figueiredo Faria, acaba de se inscrever na União Nacional

Perante o ilustre Governador do Distrito sr. Capitão Lucinio Preza, deu a sua adesão ao Estado Novo, inscrevendo-se na União Nacional, o nosso amigo sr. Dr. José de Castro Figueiredo Faria.

Antigo deputado da Nação, presidente da Camara Municipal e Administrador do Concelho de Barcelos, o sr. Dr. José de Castro Figueiredo Faria é uma figura de destaque e um nome absolutamente limpo que acaba de ingressar nas fileiras que com denodo se batem pela Melhor Causa.

Hospital da Misericordia

Estamos informados de que a Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericordia já ha muito oficiou á Ex.ma Camara Municipal, solicitando-lhe a colocação das grades e do portão em frente ao jardim do seu edificio. Este pedido, por representar afinal uma reclamação justissima, mereceu da parte do nosso Municipio a melhor atenção e... o que é certo é que as grades, para quem quizer vêr, já se encontram quasi concluidas na oficina do sr. Germano, á rua do Dr. Manuel Paes. Quanto ao portão, tambem lhe ha-de chegar a vez, não porque a Camara se recuse a isso mas... porque o ferreiro... não tem vinte mãos...

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos:

Hoje o sr. Armando Ferreira.

Dia 20, a menina Maria Laura Matos Viana Lopes.

Dia 23, a sr.ª D. Julia Gomes Pereira de Azevedo Figueiredo e os srs. Capitão Armenio Augusto da Silva Corrêa, José Adolfo Guimarães Cibrão e Gastão Meira de Paula.

NA CAPITAL DO DISTRITO

Continuado da 1.ª página

ças mais vergonhosas, pois era uma esperança que caía, eram planos que lhes íam por terra.

E assim tinha de ser. A Ditadura não podia ter vindo, sòmente para desempenhar, a casa comprometida, e entregar depois da sua administração ao filho pródigo que a ía perdendo; não, porque se assim fôsse, tudo sossobraria momentos depois, entregue aos mesmos sistemas e á mesma política.

Estradas, portos, etc., fizeram-nos tambem muitos estadistas embora não subordinados a um plano tão grandioso e de tanto conjunto, mas, como não quizeram ou não poderam realizar mais, em breve as estradas se arruinaram e os portos se tornaram impróprios para a navegação, enfim toda a obra se desvalorizou.

O que caracteriza a nossa Ditadura, o Govêrno Nacional, a continuidade que pretende manter, é a necessidade de durar, é o querer que para além, no rolar dos tempos e dos anos seja ainda a Ditadura.

Os nossos inimigos armam-se, os nossos inimigos espreitam-nos; e armam-se e espreitam-nos, porque nós queremos revolucionar a Nação, fazer uma revolução ao contrário das que êles sempre fizeram, destruir todo um sistema adentro do qual medraram e criaram raízes.

A Ditadura tem um programa, tem um sistema politico, tem uma doutrina económica-social que está a impôr e na qual pretende integrar a Nação.

Pois bem; desse programa varre-se um parlamento inutil que de nada valia a não ser para derrubar Govêrnos; desse programa suprime-se um individualismo que ligava toda a vida da Nação, acaba-se com a luta das classes, integrando numa ordem nova os factores da produção, unindo-os para uma mais intensa e eficaz colaboração, expulsou-se uma plutocracia odienta, pretende-se alicerçar a sociedade portuguesa, moraliza-la, cortando-lhe certas licenças, dando-lhe liberdades e direitos, mas acabando com a *Liberdade* onde ela vegetava e se ía esfacelando.

A sistemas orgânicos, que os proprios povos criaram e com eles foram evolucionando e progredindo, sucederam ideas, com as quais mais ninguem se entendeu e á sombra das quais os povos decaíram e quási que morreram.

Um *liberalismo* e um *parlamento*, onde a multidão imperava, e a irresponsabidade governava, fôram as bases intangíveis por onde os povos se regeram, ainda hoje cuidadosamente guardadas nesses monumentos a que pomposamente se deu o nome de Constituições Políticas do século passado.

A' sombra de tudo isso, enfraqueceram-se as Nações, desorganisou-se o trabalho e mataram-se as grandes energias nacionais.

Os quadros seculares adentro dos quais as sociedades estavam organizadas, a sua rutura e destruição, para o homem esquecendo-se de que era homem, e esquecendo o seu semelhante, se sentisse mais livre, mais independente e mais autónomo, deu origem a um Estado, onde só predominava a idêa do número, onde o homem era visto em abstrato e não adentro do ciclo natural ou do ambiente em que se formou e exercia a sua autoridade.

Com tanta *Liberdade*, a confusão e a indisciplina, foram as leis que presidiram ao governo desses povos.

Estes e outros factores, a que não foi estranho o desenvolvimento industrial do século XIX, e o factor económico, desenharam no horisonte da Humanidade nuvens agoirentas de tempestade.

Doutrinas contraditórias e subversivas da ordem, tomam facil incremento.

O *Comunismo*, o *Socialismo*, e todos os amalgamas que daqui é possivel arranjar, aventam remédios e soluções.

Todos regimes de *liberdade e igualdade*, procuram resolver o problema matando e negando a própria *Liberdade* e *Igualdade*

O Estado liberal, capitalista e burguês, com o seu *lassez-faire*, deixa as diversas fontes de energia e de produção, que abandona as classes no maior desconhecimento de existencia, em lutas consigo mesmas, nada fazendo para as enquadrar numa colaboração perfeita e útil.

Assim, nessa luta permanente, formam-se conceitos novos, em breves elevados á categoria de doutrinas políticas e sociais.

A luta do capital contra o trabalho anarquisa a produção, e o capitalismo crescente e triunfante, vê como seu inimigo, o trabalho, julga absurdas as suas reinvidicações e a luta entre os dois factores absorve a humanidade há já quási um século.

Da apatia do *Liberalismo*, «pois não fosse ofender a Liberdade», os conceitos *comunistas* e *socialista* criam raízes, onde enfileiram os descontentes cada vez mais numerosos, e um novo inimigo surge então; mas ninguém vá esperar no *Comunismo* ou no *Socialismo* uma solução para o problema social.

Nascido contra o *Liberalismo burgues e capitalista*, ele veio para dar mais uma machadada na *Liberdade* e na *Igualdade* que também diz defender.

Em face dum Estado com as suas classes em luta, a fórmula *comunista*, em vez de marcar a cada uma, uma órbita de acção e colaboração, o comunismo, querendo absorver toda a humanidade numa só Classe, e dando predominio a uma só classe, procura eleminar pela morte e por todos os processos possiveis os restantes elementos, realizando assim a tirania mais impenitente que a humanidade tem visto.

O *Liberalismo*, pela forma como viu o problema social, deu asas ao *comunismo* e ao *socialismo*; valham-nos as suas desintelligencias para nos deixarem ainda um pouco de paz.

O conceito *universal e internacionalista da democracia e do comunismo* fizeram com que forças ocultas, começassem tambem a manejar o destino das Nações.

A noção do Estado liberal fraco e dispersivo, não pôde resistir ás fôrças anti-nacionais das sociedades secretas, cujo fim é a destruição dos sentimentos morais da colectividade e da ordem secular á sombra dos quais as nações se engrandecem.

A *maçonaria*, cuja obra funesta é de todos conhecida, não precisa já, perante a fraqueza dos Estados, de fazer aquela vida recolhida de viuva inconsolavel; não; aparece e age á sua vontade, sobe os degraus dos Ministerios, senta-se nas cadeiras ministeriais, e assim de pena em punho, talha como quere e por onde quere através do *jornal oficial*.

Os conceitos *democráticos e comunistas*, antagónicos e inimigos irredutiveis, lançam e ateiam a luta das classes, matam e asfixiam a *Liberdade* e ambos, sob formas diversas—*um com um Estado fraco, capitalista e burguês* — outro com um *Estado que se diz forte anti-capitalista e anti-burguês*, realisam com métodos diferente os mesmos fins.

As Nações sofrem, os médicos e os remédios, não conseguem dar-lhes alívio, as classes, a produção desorganizam-se, as greves os tumultos, os motins são casos de todos os dias, as finanças empobrecem e os remedios parecem não chegar.

Fala-se já há muito na necessidade de um Estado forte que regule, coordene a vida social, e não assista de braços cruzados á barafunda Nacional, que mantenha adentro da sua orbita propria e natural todas as classes, todos elementos ou factores de actividade, que trace a cada uma a sua esfera de acção, que assegure a todos as liberdades necessarias, que dirija e governe numa palavra.

O problema social assim visto e resolvido, longe de ser ofensivo da *liberdade*, longe de aniquilar ou matar qualquer esforço, realiza a soma perfeita de todas as actividades nacionais, ao contrario da democracia que as dividia. ou do comunismo que fazia uma operação inversa e as matava.

Da soma das actividades nacionais, de todos os valores morais e materiais das segurança de todos, é que há-de nascer um Estado forte um Estado Novo.

Muitos anos andamos em Portugal confiados nas virtudes democráticas ou dando um pouco os braços com o comunismo.

De tudo experimentamos, de tudo sofremos os resultados e os maleficios.

Os rumos das coisas portuguesas mudaram.

Em sete anos tem-se renovado a nossa vida económica, política e social e os resultados são tão animadores, que a confiança voltou aos corações e ás almas.

Dum país anarquisado e revolucionário vai surgindo uma Nação forte e vigorosa, e Portugal vai sendo olhado com atenção, por muitos povos até há pouco orgulhosos, a quem nós serviamos de distracção com a comédia da nossa desorganização.

Resolvido o problema financeiro, *Salazar*, sem o abandonar, vai resolvendo com o método que na primeira hora prometeu á Nação, todos os problemas ha tantos anos em crise.

A ecónomia dum povo, assenta na produtividade das suas fontes de riqueza.

País agricola, com uma indústria num já apreciavel grau de desenvolvimento, êste problema, atenta a dependência de todos os seus factores, ao equilibrio que entre todos é preciso manter, a sua resolução importava a resolução de um outro que com êle anda intimamente ligado: o *problema social*.

Da anarquia e da luta, *do abandono da democracia ou da eliminação comunista*, nós assistimos em Portugal ao enquadramento dos factores da produção adentro da órbita e da sua função.

Não se quedou o *Estado Novo* a contemplar a sua soberania como nos tempos sombrios da democracia; não matou também certas classes acusando-as de parasitárias; não; partindo do conceito que a Nação é o conjunto dos valores morais e económicos, traçou a cada um o seu campo de acção do qual está assegurado o preenchimento da sua função e dos seus fins.

Não mais a luta de classes; não mais o capital contra o trabalho; todos êstes factores produzem, todos êstes factores se coordenam e integram adentro da produção.

A' luta das classes, opôs-se a união e a coordenação das classes, e assim, um Estado pôde vêr ressurgir de entre os escombros da sua vida económica e social, uma construção que poderá desafiar os homens e os tempos.

Sendo certo, que nós nunca podemos encontrar o homem isolado e livre, nós temos de o enquadrar, para sua inteira felicidade, entre os organismos que leis imutaveis e permanentes criaram.

A vida associativa, necessária á propria essencia e natureza humana, é um corolário da propria *humanidade* e não o resultado dum contrato como queria o falso *Rousseau*.

Compete ao Estado, defender os seus naturais, mas, não defende-los isoladamente, mas sim nas suas instituições e nos seus quadros.

Em Portugal, ensaiam-se os primeiros passos do *coorporativismo*.

Nêste campo, como disse *Salazar*, é preciso construir bem, com cuidado e com critério embora devagar. E' preciso ter a certeza de que o que se fez fica bem feito, para não ser preciso fazê-lo de novo; e á organisação do trabalho e da produção, é dos capitulos em que mais se tem afirmado a vontade dum chefe e dum realizador.

Na Carta Política, da organização do Estado, diz-se no art.º 4.º, que *Portugal é um Estado coorporativo*.

Leis complementares vieram concretizar a fórmula da nossa Constituição, traçando e definindo a função do capital, os seus deveres e o seu campo de acção.

O trabalho, não será mais o elemento da especulação do capital, a *mais valía do capitalismo*.

Ao operário, a quem o Estado Novo devota mais interesse e atenção, dando-lhe um estatuto, procurando garantir-lhe um mínimo de sustento e de bem estar, livrá-lo dos efeitos que dêle se teem servido para o lançar em maior miséria e fomentar a desorganição do mundo, da qual êle tem sido a maior das vitimas.

O Estado Novo, depois de defenir em fórmulas juridicas a organização do trabalho, depois de decretar a constituição, dêsde as Casas do Povo aos Sindicatos Nacionais, depois de assegurar ao operário a sua participação directa na vida política, económica e social do País, vem concretizando em factos essas disposições jurídicas.

São os bairros sociais que por êsse País começam a levantar-se em circunstancias que não envergonham a condição humana, é uma mais larga participação do operário na riqueza pública, é a legislação do desemprêgo, que tanto tem atenuado a crise do operário, é a fiscalisação das condições em que o trabalho é realizado, é uma assistência eficaz por meio de funcionários e delegados cuidadosamente escolhidos e selecionados.

Hoje fala-se menos no operário, especula-se menos com a sua sorte e com o seu mal estar, mas em contrapartida, vai-se pensando na sua situação, nos seus filhos, na sua familia.

Não é só o operário em si, na sua pessôa, que o Estado vê e protege.

A familia, hoje felizmente em vias de reposição nos seus direitos e no papel que tem de desempenhar, *embora seja preciso caminhar ainda muito para se atingir o lugar que ela deve ocupar*, é reconhecida na Lei Fundamental do Estado, como o agregado base de formação das Patrias.

E' o salário mínino e o salário familiar, são os seguros contra a invalidez e todos os riscos no trabalho, são enfim, todo um conjunto de garantias que asseguram ao operário a sua sustentação, como homem, como cidadão e como chefe de familia.

Estamos a ouvir, aqui do lado, segredar ao operário—é *mentira*, são *promessas, não te fies*, e eu só respondo, que o tempo das promessas já acabou, e que o operário não pode nem deve receber conselhos de quem o desgraçou, de quem lhe matou a familia, o afastou da Patria e lhe tentou matar até, a idêa de Deus.

O plano certo e seguro da nossa reconstrução está traçado, restanos a nós, e é obrigação de todos, trabalhar na construção dessa Casa tão superiormente delineada.

Felizmente que hoje em Portugal não há partidos. Se os há, pelo menos teem a sua vida fóra da lei e como tal, é dever de todos que se presam de ser dela cumpridôres, matar-lhes tôdas as condições de vida e de existência.

Continua na 8.ª página

PELO ESTADO NOVO

O QUE É A DITADURA?

De um discurso, recentemente proferido pelo sr. Presidente do Conselho, a quando da inauguração da primeira Casa do Povo, numa aldeia alentejana, transcrevemos:

«Vou contar-vos um facto. Fui há dias passar o Natal á minha terra, á minha casa. Os velhos não existem já, mas os novos, os mais novos mesmo, são obrigados a beber na fonte da tradição que ficou. Assisti á missa do Natal na minha igreja, um pouco maior do que a vossa, mas mais pobre.

A igreja pertence a duas povoações. Os fregueses de cada uma delas assistem cada qual de seu lado aos ofícios religiosos.

Finda a missa do Natal, fez-se a adoração ao Menino Jesus. As raparigas das duas povoações, levadas pela vaidade e pelo amor próprio, começaram então cantando. Mas, cada povoação entoava seus cânticos próprios, cantando cada vez mais alto, mais forte, para que uma povoação suplantasse a outra. Queria-se honrar o Menino Jesus, queria-se dignificar a Igreja. Mas cantando cada grupo para seu lado não se conseguia nem uma coisa nem outra. Aumentava-se a confusão. Eram todos bem intencionados. Não chegam, porém, as boas intenções. O pároco assistia tranzido, não dizia palavra. Devia ter intervido, mandando-as calar, praticando a Ditadura.

—Vejamos agora o que é a Ditadura.

Os politicos são homens que têm de governar. Por melhores intenções que possuam, vulgarmente todos querem falar ao mesmo tempo. Por melhores, tambem, que sejam os seus objectivos, não se ouve a voz da Nação no meio da balburdia geral. E, assim, quanto mais queriam falar, maior era o barulho na Assembleia Nacional.

Foi por isto que o Exército teve de intervir, mandando calar os grupos politicos, para que se ouvisse a voz da Nação.

—Todos os que governam têm de auscultar o sentir do povo, a voz da Nação. Era essa voz que não se ouvia no Parlamento.

Há duas dificuldades enormes que se erguem á visão dos estadistas, escondendo-os da Nação: os grupos politicos e a Imprensa. Porque esta, por vezes, embora sem más intenções, dá uma impressão incompleta das realidades. E, para alem dos grupos, para além das redacções há muita gente politica, que se não agita, porque trabalha. E' preciso, pois, ouvir a Nação. E' necessário ir ás células, ás freguesias, ouvir o povo.

Eu não sou dos que dizem que o povo pode governar-se a si próprio. Isso, só o afirmam os que querem viver á custa do povo.

O que o povo quere e deve ser é bem governado, de modo que nunca tenha a impressão de que necessita de dizer o que se deve fazer.

Aqui têm, meus senhores, o que é a Ditadura.»

PELA BOA CAUSA

Sessão de propaganda duma extraordinária importancia

No salão nobre da Camara Municipal realisou-se na passada quinta-feira uma reunião que foi dum valor politico extraordinario.

Estavam presentes as Juntas de Freguesia e os Regedores de todo o vasto Concelho e que corresponderam por uma forma significativa ao convite que lhes foi feito.

O fim da reunião era expor-lhes as formulas do recenseamento eleitoral, acto que tem de ser praticado por uma forma imparcial, com toda a legalidade mas dentro do espirito que dignificou o processo de coordenar os eleitores.

Presidiu á reunião o Sr. Dr. Matos Graça, delegado da Comissão distrital, secretariado pelo Sr. Dr. Adelio Marinho, Presidente da Comissão Municipal da União Nacional e pelo Sr. Francisco Torres, Administrador do Concelho.

Pelo Sr. Secretario da Camara, a quem compete a organisação do recenseamento, foi explicado com o maximo de clareza e pormenores, as formulas legais, a diferença estabelecida para a inscrição nos dois cadernos.

A seguir, o Sr. Dr. Matos Graça agradeceu a todos os que vieram, alguns de muito longe, dos extremos do Concelho, não faltando uma só freguesia, apesar do tempo verdadeiramente tempestuoso que fazia. Mostram assim o interesse que os anima, o desejo de colaborar com a União Nacional na preparação necessaria para a organisação do Estado Novo.

O recenseamento tem de ser feito com o maior cuidado, atendendo a todos as faculdades que a Lei permite ao eleitor mas exigindo a maior responsabilidade á Comissão recenseadora.

A União Nacional e o Sr. Secretario da Camara estão sempre solicitos em atender quaisquer pedidos de esclarecimentos mas é de crer que tudo fique esclarecido.

O Sr. Dr. Adelio Marinho usando da palavra fez um discurso brilhante, numa fluencia de palavras que deixou fortemente impressionados todos aqueles que estavam atentos ás ideias que sua Ex.ª expunha, incutindo-lhes coragem para a propaganda que todos deviam fazer nas suas freguesias, com a convicção firme de que só o Estado Novo, organisado e dirigido pela inteligencia preveligiada do Dr. Oliveira Salazar pode dar a Portugal a Ordem e o Progresso a que tem direito pela sua administração modelar.

A todos pediu que fizessem e promovessem nas freguesias a inscrição na União Nacional, organismo de apoio ao Governo e com o qual ele precisa de contar em todas as emergencias da vida politica.

Na União Nacional cabem todos os portugueses que, libertos das paixões partidarias, só desejam o bem da Nação, empregando todos os seus esforços, fazendo todos os sacrificios quando lhes for pedida a colaboração no Estado Novo.

Calaram no espirito de todos as palavras do Sr. Dr. Adelio Marinho, tal o calor e a convicção com que foram pronunciadas; estamos certos que devem frutificar.

No fim da sessão foram enviados telegramas a sua Ex.ª, Sr. Presidente do Ministerio, ao Ex.mo Sr. Ministro do Interior e ao Ex.mo Sr. Governador Civil de Braga.

Tenhamos confiança!

«A todos os que são nossos ou desejem sê-lo, havemos de dizer, claro e alto, em nome da Nação a reconstruir, que ás forças da Ditadura se exige disciplina, homogeneidade, pureza de ideal.

. . . . . .

Agora, como de outras vezes, vão julgar muitos tudo perdido, porque as coisas são diferentes da ideia que formavam ou dos intuitos que tinham; outros, e mais de que êsses, porém, vendo clarear os horizontes da política portuguêsa e desfeitos os seus equívocos, saírão de alheamento, da indiferença e até da hostilidade para a colaboração a que são chamados no terreno patriótico em que trabalha a Ditadura Nacional. Eu tenho confiança, eu tenho a certeza de que êste dôce País que nós somos, quere realmente salvar-se!»

SALAZAR

Alistamento intensivo na União Nacional de maior número de portugueses de boa vontade e compostura moral, sem que constitua obstáculo o facto de um indivíduo haver pertencido a êste ou áquele partido, «o que importa é que, quando dêsse partido, fôsse uma pessoa de bem, e que hoje tenha as nossas ideias» (Dr. Oliveira Salazar).

(DAS INSTRUÇÕES ÁS COMISSÕES DA UNIÃO NACIONAL)

FILIAI-VOS!

União Nacional

ADESÕES

Freguesia de Campo

António Alves, Jornaleiro; António Alves Coelho, Caiador; António Dias da Fonte, Lavrador; António Dias Duarte, Lavrador; António José Marques, Lavrador; António Luiz da Cunha, Jornaleiro; António Martins Lopes, Lavrador; Alfredo da Mota, Lavrador; Clemente Martins da Fonte, Alfaiate; Domingos Dias Duarte Júnior, Caiador; Domingos Dias Duarte da Fonte, Carpinteiro; Domingos Pereira Remelhe, Tamanqueiro; Francisco Batista dos Santos, Carpinteiro; Francisco Ferreira Dias Varela, Lavrador; Francisco Gonçalves, Lavrador; Francisco Pinheiro Barbosa, Lavrador; José Batista da Cruz Pias. Lavrador; José Duarte da Fonte, Comerciante; José de Macedo Salgueiro, Alfaiate; Joaquim Candido, Lavrador; João Correia, Lavrador; João José Ferreira, Ferreiro; João da Mota Barbosa. Pedreiro; Luiz Marques, Lavrador; Manoel António Pereira Braga, Lavrador; Manuel da Cruz Pias, Lavrador; Manoel Fernandes Belchior, Lavrador; Manuel Maria da Cruz, Caiador; Manuel Marques, Lavrador; Manuel Marques da Costa Júnior, Lavrador; Patricio José da Mota, Lavrador; Serafim Pinheiro Barbosa, Lavrador.

Freguesia de Vila Cova

Abilio José Marques, Lavrador; Adelino Antonio de Matos, Lavrador; Adelino Martins da Fonseca, Lavrador; Alberto Dias de Miranda, Lavrador; Albino dos Santos Figueiredo, Lavrador; Agostinho José Marques, Lavrador; Agostinho José Gomes dos Santos, Lavrador; Antonio Domingos Figueiredo de Oliveira, Lavrador; Antonio Figueiredo do Vale Miranda, Lavrador; Antonio José Gomes dos Santos, Lavrador; Antonio Gomes da Fonseca, Lavrador; Antonio Joaquim Cachada, Comerciante; P.e Antonio Pereira Felix do Vale, Padre; Antonio Marques da Costa, Lavrador; Ãntonio do Vale Figueiredo, Lavrador; Aparicio Figueiredo do Vale Miranda, Lavrador; Alvaro Figueiredo de Oliveira, Lavrador; Artur Alves de Matos, Lavrador; Bernardino Alves dos Santos Portela, Lavrador; Belarmino de Souza e Matos, Lavrador; Carlos Anselmo de Souza Matos, Lavrador; Domingos Antonio de Sá Madeira, Lavrador; Domingos Gomes do Amaral, Lavrador; Felix Alvaro Gomes dos Santos, Lavrador; Joaquim Bernardino Alves, Lavrador; João Antonio de Faria, Lavrador; João de Bernardino Gomes dos Santos, Lavrador; João Domingos de Oliveira, Lavrador; João Figueiredo do Vale Miranda, Lavrador; João de Jesus Faria, Lavrador; João Pedrosa do Vale Miranda, Domestico; José Alves Branca, Lavrador; José Fernandes de Matos, Lavrador; José Figueiredo Martins de Miranda, Lavrador; José Gomes Aldeia, Lavrador; José Gomes da Silva, Jornaleiro; José Silvestre da Costa, Lavrador; Luiz Antonio de Souza, Lavrador; Luiz Antonio Ferreira, Lavrador; Luiz José Marques, Lavrador; Manuel Alves da Costa, Lavrador; Manuel Adelino de Miranda, Lavrador; Manuel José Moreira, Serralheiro; Manuel dos Santos Figueiredo, Lavrador; Manuel do Vale Rozendo Junior, Lavrador; Paulino Candido Alves de Matos, Lavrador; Paulino do Vale, Lavrador; Rodrigo Francisco Rios Novais, Lavrador; Victorino Joaquim da Cachada, Lavrador.

VINHOS AMERICANOS

De «O Primeiro de Janeiro», com a devida vénia, transcrevemos a carta da Maia, de 29 de Dezembro:

«Como os jornais noticiaram, foi há dias a Lisboa uma Comissão de representantes de 12 concelhos produtores, de vinho americano, com o fim de reclamar do Govêrno medidas tendentes a solucionar o grande problema da venda daquele vinho.

Foi daqui, do concelho da Maia, que saiu o primeiro grito de alarme, tendo-se realisado uma assembleia magna no salão nobre dos Paços do Concelho, á qual concorreram lavradores de vários concelhos e onde ficou assente a reunião no Pôrto dos Sindicatos Agrícolas dos concelhos interessados, da qual saiu a ideia da representação aos Poderes Públicos.

Pelo que temos visto, em certa Imprensa, parece haver um equívoco entre os que defendem a venda dos chamados vinhos verdes e combatem a venda dos americanos.

Não é segredo para ninguem que os grandes proprietários teem abastardado a cultura dos vinhos verdes, não respeitando as castas regionais, que teem vindo substituindo por castas exóticas, de muita produção, é certo, mas que alteram profundamente o verdadeiro e autentico vinho verde.

Ora, o vinho americano não faz, nem pode fazer nunca, concorrência ao vinho verde. E' uma bebida agradável, de pouco custo, mas que, a breve trecho, perde qualidades, não podendo, por isso, resistir por muito tempo nas adegas.

No Pôrto e nos concelhos circumvisinhos, o povo trabalhador, das fábricas, o operário em geral e a classe piscatória, dão-lhe a preferência pela insignificância do custo.

Este ano houve, como se sabe, abundância na colheita e o lavrador, principalmente o pequeno lavrador, contava com a venda daquele produto para fazer face ás suas inúmeras despezas, não sendo menores as contribuições para o Estado, para as Câmaras e para as Juntas de Freguesia.

Porque se proibe a venda?

Há quem argumente com a lei que determinou que as videiras americanas fôssem cortadas.

A lei permitiu que as videiras fôssem plantadas.

Mais tarde, outra disposição legal determinava que, uma vez nomeada certa Comissão de técnicos a quem cumpriria fixar prazos para as cortar, o Govêrno tomaria providências depois de ouvir e apreciar o relatório daquela Comissão.

Ora, até hoje, não foi nomeada Comissão alguma, não foi fixado prazo para o córte.

O decreto de 22 de Março de 1929 que regula a produção e comércio dos vinhos verdes frisa que, no prazo máximo de 5 anos, uma comissão de técnicos resolverá quais os produtores directos que podem ser cultivados dentro da região demarcada.

Tal comissão ainda não foi nomeada. Urge que o seja, não só para velar pela genuinidade do vinho verde, mas, até, para sugerir ao Govêrno medidas tendentes á criação de adegas regionais, a fim de se aperfeiçoar naquele produto e se fixarem tipos definidos e marcas próprias, que se acreditem àquem e àlém-fronteiras.

De qualquer modo, a Comissão de Viticultura cobrou aos produtores de vinho americano 2$50 pelo manifesto de cada pipa, àlém de 1$00 pelos impressos e agora impede, por todos os meios, a venda daquele vinho. Há dezenas de milhares de pipas de vinho americano nos concelhos limítrofes do Pôrto e seria um crime perder se essa riqueza. Certamente, o Govêrno, ponderando as razões apresentadas pela Comissão que foi a Lisboa, decretará a liberdade de venda para o vinho americano, o que é de inteira justiça, e ver-se-á que tal medida em nada prejudica os proprietários do vinho verde, que teem concorrentes a temer e receiar nos produtores dos vinhos maduros, nomeadamente nos do Sul.»

Novos Horisontes

Após a catástrofe mundial, que enlutou meio mundo, a fébre dos negócios subiu de tal forma que se despovoaram os campos e até os estabelecimentos de ensino foram forçados a fechar alguns, por falta de freqüência. Com esta loucura sofreu a intelectualidade da Nação, que viu guindar-se aos altos postos de comando, mediocres capacidades que aí, em lugar de olharem a sério pelos problemas sociais se emparceiravam com a banca e a indústria para a tôrpe negociata. A loucura atingia o seu auge num regabofe pegado e todos, á porfia, num egoísmo feroz, transacionavam na compra e venda como qualquer comerciante, deixando á mercê os assuntos vitais para o bom funcionamento da mecânica da Nação.

Esta fébre, que mais tarde aniquilou metade das empresas e organismos que viviam de golpes de audácia, reflectiu-se no pequeno comércio e na pequena indústria, que viu assustadoramente e dum momento para o outro baixar o nível das suos transações e conseqüentemente uma desenfreada concorrência, que obrigou uns, a liquidação honrosa e outros a falência forçada. O reverso da medalha, sempre de funestas conseqüências, atirou para a miséria centenas e centenas de famílias, que até então viviam na abundância e que mal preparadas para a luta, se arrastam ainda hoje por essas ruas, míseros farrapos humanos, vítimas dum estado mal governado.

Esta anarquia que subverteu tudo, que aniquilou as veias que alimentavam o corpo meio-defunto da Nação, trouxe a descrença do povo trabalhador e uma onda de desalento surgiu, deixando á mercê da sorte o país, onde reinava já a fome com o seu séquito de misérias. O dinheiro era enviado para as Nações onde a ordem se impunha. A balança comercial um caos. A circulação fiduciária aumentava, conforme as necessidades e a desvalorisação da moeda. O doente agonisava dia a dia. A confiança nos homens desaparecera e todos, ás cegas, buscavam no estrangeiro o refúgio, encaminhando para lá os capitais, que tanta falta faziam. O operário não encontrava trabalho, porque ninguem ousava mandar construir.

Havia um recurso. O emprêgo público. Tendo falhado os negócios onde se ocupavam indivíduos de todas as classes, só o emprego público podia suprir aquela falta. Choviam os pedidos aos milhares para a colocaçãosinha e os homens de estado embaraçados, lá iam contentando alguns, quer furjando decretos onde os podessem anichar, quer colocando os em lugares imaginários.

O país assim enredado, sem os valores que produziam, sem as células que alimentavam o corpo já exausto da Nação, caminhava abertamente para a derrocada final. A desordem campeava assustadoramente aumentando o número de famintos, constituindo-se uns em legiões que atacavam os cidadãos pacificos e outros divididos e isolados procurando como gatos esfaimados os restos das comidas.

Sem a preocupação politica que domina e cega os homens, mas antes com independência, temos que reconhecer que um periodo calmo voltou e que se procura, não a perfeição, por ser impossivel, mas uma melhoria nas classes trabalhadoras. E' certo que ainda estamos muito longe do fim, mas a confiança vai renascendo a pouco e pouco. A miséria é ainda um problema insolúvel, porque ainda há riquezas estagnadas, egoísmos ferozes e individualismos mesquinhos, que urge combater. Sem a revolta sangrenta e antes com ponderação, decretando, escrevendo, falando, esses egoísmos hão-de ruir, para bem de nós todos.

Num povo bem organisado e onde impere a humanidade e a justiça, a fome não tem razão de existir. Quem trabalha tem direito ao seu sustento e ao dos seus. A invalidez e velhice, duas pragas que já há muito deviam estar riscadas do mundo, devem ser olhadas com carinho e para as debelar, só obrigando o trabalhador a concorrer do seu salário para um fundo mutuário, que lhe garanta o dia de amanhã e um fim de vida suave.

A fome e miséria que vemos todos os dias é culpa unicamente de todos nós que a consentimos e não procuramos extermíná-la, com os nossos recursos.

O estado corporativo em que o Estado anda empenhado, resolve em parte estes problemas que se nos afiguravam de difícil solução e estamos convencidos de que outras soluções virão, de maneira a que a sociedade presente se modifique para um melhor entendimento e melhor retribuição dos que trabalham.

Alheio a todas as paixões políticas e querendo unicamente o bem de todos, ser-me-ía agradável verificar que, depois de muitos anos de sacrifício, o povo português verá enfim melhoradas as suas condições de vida, que teem sido até aqui bem penosas.

R.

Secção desportiva

Por falta de espaço, não saiu no n.º anterior, a crónica que havíamos feito sôbre o jogo Sporting Braga-Gil Vicente.

Quási exclusivamente de ordem técnica, deixamos de publicá-la no presente número, por já não ser oportuna.

—Era nossa intenção, aproveitar êste espaço para relatar as faciosas notícias lançadas na imprensa de Braga e Porto pelos cronistas bracarenses mas, depois do telegrama de protesto enviado para esses jornais pela Direcção do Gil Vicente, tambem achamos inoportuno o nosso desejo.

O silêncio com que os autores audaciosos das crónicas vindas a lume receberam o telegrama é significativo e, por tal motivo, para não levantarmos uma questão que devemos considerar morta, deixamos de avivar êste caso, cientes de que êsses cronistas tiraram o necessário aproveitamento desta lição.

* * *

Em disputa do campeonato distrital, o Gil Vicente venceu o Espozende por 4-1. O jogo disputou-se num ambiente de pouco entusiasmo, sendo autores dos goals do Gil Vicente Mário e Vieira (2 cada).

A assistência foi diminuta.

* * *

Também em disputa do campeonato distrital, no próximo domingo, o Gil Vicente defrontar-se-á com o campeão concelhio de Famalicão.

O.

EUROPÊA
COMPANHIA DE SEGUROS
Séde-Rua Nova do Almada, 64-1.º
LISBOA
Seguros contra incendios
» responsabilidade civil
» acidentes de trabalho
» acidentes individuais
CONSULTEM A NOSSA TARIFA DE PREMIOS
Agente em Barcelos
Alcides Ribeiro

DR. ADÉLIO MARINHO
MÉDICO
Consultorio—Campo da Feira, 53
Residencia—Rua Infante D. Henrique, 35

Dr. José Constantino Rodrigues
Doenças dos olhos e Clinica geral
Consultas das 10 ás 12 e das 5 ás 7 h. da tarde
Consultorio e Residencia:
Campo da Feira, 81
TELEFONE 85

QUEIJO DA SERRA
Vende a
Confeitaria D. Antonio Barroso
Largo da Camara
(AO LADO DO MONUMENTO)
BARCELOS

MANTEIGA
DA
COOPERATIVA A. DE LATICINIOS DA RIBEIRA DO NEIVA
A MANTEIGA reconhecida em toda a parte, como sendo a melhor e mais pura, pois não altera a sua fina qualidade.
Continuam sendo seus depositarios nesta cidade:
Tomaz José d'Araujo & C.ª, Sucrs.
Venda directa ao publico.
Desconto aos revendedores.
Preços sem competência

FABRICA DA GRANJA
DE
FRANCISCO TORRES
BARCELOS
Executa com a maior perfeição todo o serviço referente a mobiliario e a construção. Tem sempre em deposito madeiras nacionais e estrangeiras, soalhos, vigamentos etc.

TIPOGRAFIA MARINHO
TELEFONE
123

PAGINA DO CONCELHO

Aos nossos correspondentes das aldeias

—

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar várias cartas das freguesias do concelho, de que pedimos desculpa aos nossos solicitos correspondentes.

No próximo número serão publicadas todas as cartas em atraso.

Lijó, 8

Faleceu na madrugada de hoje a sr.ª Roza Alves da Costa Maia. A extinta foi em vida uma pessoa de bem, soube exercer a caridade e algumas das suas benemerências ficam bem patentes ao publico, para poder recordar com saüdade tão generosa bemfeitora. Amanhã realisa-se o seu funeral, que deve ser uma verdadeira manifestação de sentimento, assim o impõe a gratidão, o reconhecimento. Nosso Senhor lhe concêda o eterno descanço no seio da fua glória.

—A propaganda do Estado Novo nesta freguesia fez-se com tal entusiasmo, que os boletins de inscrição para a União Nacional esgotaram-se, pelo que o digno regedor sr. José Domingues de Sá, teve de fazer requisição de nova remessa de boletins.

O povo desta freguesia que é essencialmente patrióta e português de lei, não espera que a autoridade lhes leve a casa os boletins, os cidadãos procuram-nos, correm á casa do sr. regedor e dão-lhes a sua adesão voluntaria, firme, sincera e leal ao Estado Novo, aos principios nacionalistas postos em prática pelo providencial e eminente estadista e resgatador ds nossa amada Pátria, Dr. Oliveira Salazar. Avante, pois, cidadãos desta freguesia, pelo Estado Novo, pelos seus homens, pela Ditatadura e por Salazar.

Reneguêmos o EstadoVelho e os seus servidores de água-chilra, que deshonrando a Pátria perante os olhos de nacionais e estrangeiros, ainda se divertiam perante a sua agonia e o seu triste fim.—C.

Lama, 9

Batisados—Antonio Alberto, filho de Manuel de Souza Coreixas e de Maria da Silva Pereira—Padrinhos: Francisco da Costa e Maria de Jesus Lopes Coreixas, ambos da freguesia de Areias S. Vicente.

Domingos, filho de José Gomes Miranda, e de Maria Couto Machado - Padrinhos: Manuel da Costa Ferraz, da freguesia de Oliveira e madrinha Ludovina da Silva Macedo, da freguesia de Cervães (Vila Verde).

Batisou-se Tacilia, filha de Francisco Ferreira Loureiro e de Dalila Gonçalves Ilario.

Casamentos—Antonio Vicente Fernandes com Tereza de Macedo Fernandes, ambos desta freguesia.

Francisco Fernandes Forte, da freguesia da Ucha, com Maria Ferreira Forte Maciel, desta freguesia.

Anibal do Vale Fernandes, com Maria de Macedo Correia, ele desta freguesia e ela da de Areias S. Vicente.

Vão casar—João Borges, da freguesia de Cervães (Vila Verde) com Maria Ferreira Gomes, desta freguesia.

Obitos—Maria José Magalhães Rodrigues, de 3 mêses de idade, filha de Francisco de Souza Rodrigues e de Joaquina de Jesus Magalhães.

Iracena da Silva Matos, de 4 mêses de idade, filha de João Crisostomo da Silva Simões e de Leopoldina Matins de Matos.—C.

PARA A LAVOURA

O MEU POMAR

Resposta ao Amigo

Como te dizia na minha última carta—*Quem tem um bom pomar, tem uma grande fonte de receita.*

Uma fruteira paga sempre com usura, o terreno que ocupa. Porque qualquer árvore de fruto bem plantada, tratada e de boa qualidade. no fim de cinco ou seis anos, dá de rendimento por ano, uma média de trinta escudos; e não te pareça a média exagerada porque tenho no meu pomar tangerineiras que já deram de rendimento, cem escudos cada uma, e ainda o ano passado vendi o fruto de três por duzentos escudos; mas tomemos por base só vinte e cinco por unidade, e verás que em cinco mil metros quadrados, meio hectare, podem ser plantadas duzentas fruteiras que te darão a linda soma de cinco contos garantidos. Bem sei que farás como eu—que a melhor fruta fica para casa e para os amigos, mas tudo isto é dinheiro e acresce ainda a fruta que cai verde e que se aproveita ainda para os animais. ¿E agora diz-me qual é a cultura que dá êste rendimento? Pode alguma vez falhar o cálculo? Pode sim; mas qual é a cultura que não tem falhas? Ora convem saber que há frutas que se prestam melhor para negócio, como sejam bons pêssegos, boas ameixas japonesas, boas tangerinas e boas laranjas porque frutificam muito e pagam-se muito.

As frutas do muito cêdo e do muito tarde, influem sempre nos preços, pagam-se melhor. E' bom ter de tudo, fruta para todo o ano, mas deves ter em vista estes factores e assim plantares maior número daquelas cujos frutos se pagam bem. Eu conheço um bocado de terreno dum amigo aqui de perto, que terá uma dúzia de pessegueiros e outras tantas ameixieiras japonesas—*Massu*, *Golden japan*, *Chalco* e *Santa Rosa*, e êste ano passado *«só as sobras»* porque as melhores frutas foram para casa e para os amigos, e essas sobras renderam-lhe um conto e tal; e isto plantado por êle há quatro anos e em terreno muito fraco.

Olha Amigo, quem tem terra e não tem fruta para sua casa não tem gôsto e até é ladrão de si mesmo. Os nossos antepassados eram mais previdentes, tinham as campos em redor da casa com bons pomares de fruta escolhida, bons laranjais, bons olivais, tinham a casa farta de tudo.

Eu ainda me recordo com saudades dos pomares da minha casa paterna, dos grandes madureiros sempre cheios, dos carros e carros de maçãs e pêras vendidos para embarque, de abundância de fruta todo o ano...

Mas a loucura da geração nova, com ramadas, vinhas e não sei que mais, foi tudo á degola, foi uma rasia, foi um crime... tão boas variedades de pêras e maçãs se perderam; pereiras e macieiras colossais, tudo, tudo, foi para o fôgo; e infelizmente não foi só lá.. foi em geral. Perdoa-me êste desabafo; e até muito breve.

Teu Amigo,

M.

Tamel Santa Leocádia, 13

Na madrugada do passado dia 9, pelas 3 horas, algumas pessoas do logar de Varziela ouviram gritar para os lados do conhecido «pôço das Cachadas». Pela hora imprópria a que isto se deu, ninguem foi presencear o caso. Diz-se, porém, que os gritos foram esmorecendo, a pouco e pouco, até que se deixaram de ouvir. De manhã, pelas 9 horas, passando por aquele local o sr. António José da Costa, que de noite tais gritos ouvira, pôde notar que a água do poço estava bastante suja, supondo que para ali alguma coisa fôra arrastada. Informado, logo depois, o Sr. Administrador do que de estranho se passava, êste fez comparecer no local o agente sr. Júlio Cesar Machado, Bombeiros Voluntários e Guarda Republicana. Os Bombeiros procederam ao esvasiamento do pôço, que não puderam levar até final pelo adiantado da hora. Dêste modo, não foi possivel pois chegar-se a um resultado seguro, pelo que entendemos que novas pesquizas deveriam ser feitas, procurando-se esgotar por completo o poço. E' esta a nossa ideia, e aqui a deixamos. Poder-se-ia, depois, arrazar o poço, logar bastante traiçoeiro, onde já em tempos apereceram vestígios de possível e grave desastre.

—Amanhã vai ser batisada na nossa igreja paroquial uma filhinha do nosso amigo sr. Domingos da Silva, sendo padrinhos o nosso amigo sr. António Gomes Pereira e uma filha do sr. Costa, da freguesia da Silva.

—No passado domingo batisou-se um filhinho do nosso amigo sr. Augusto Rodrigues da Silva.—C.

Roriz, 14

Já veio no Diario do Govêrno a nomeação do posto do Registo Civil para esta freguesia, ficando nomeado para tal cargo o sr. António Candido Gonçalves Ralha. A êste posto ficarão pertencendo as freguesias seguintes: Roriz, Quiraz, Alvito S. Pedro, Ginzo e Alvito S. Martinho.

—Cá chegou o sr. João Batista de Sousa, vindo do Rio de Janeiro, onde esteve bastantes anos.

—Tem estado bastante mal o sr. António Fernandes Cantuy. Estimamos as suas rápidas melhoras.

—Estes dias teem sido de bastante inverno.

—Faleceu, na freguesia de Quiraz, a sogra do sr. Manuel Maria Miranda da Silva e a esposa de Antonio Remêlha.

—A's familias doridas os nossos pêsames.—C.

Couto de Cambezes, 14

Foi instituída nesta freguesia, a 6, a Cruzada Eucarística das crianças.

Começa a funcionar com 67 crianças, que serão outros tantos soldados de Nosso Senhor.

No mesmo dia houve comunhão geral das crianças da Cruzada, dentre as quais 40 receberam pela 1.ª vez o pão dos anjos. Os pais e crianças desempenharam-se muito bem de tôdas as cerimónias próprias deste acto tão impressionante, que a todos os assistentes arrancou copiosas lágrimas de comoção. Fez o serviço da prègação o Rev.º Pároco Sebastião de Sá, esteve ao harmónio o rev.º Aniceto Cardoso, dig.mo Pároco da visinha frèguesia de Crenha e sua anexa de Arentim, os cânticos foram belamente executados por um grupo coral desta frèguesia e cantou a missa o rev.º António Pereira da Costa, dig.mo Pároco dos Bastuços. A' tarde houve a imposição dos emblemas e entrega dos diplomas, feitas com a máxima solenidade, adoração mensal e reparação nacional ao Divino Coração de Jesus, terminando tudo por um bazar das prendas oferecidas ao Menino Jesus, pois que era também o dia da sua festa tradicional. Devemos afirmar que foi uma festa que nos encheu o coração, porque nada houve que pudesse desagradar a Deus. E' uma página brilhante que ficou escrita na história da vida religiosa desta frèguesia.

—De Sobradelo da Gôma, onde foram passar as férias do Natal, regressaram os ex.mos srs. Armando de Carvalho Guimarães e D. Rosa Fernandes da Cunha, nossos estimados amigos e distintos professores nesta frèguesia. O senhor Guimarães tem passado mal de saúde. Parece que as férias, em vez do o beneficiar, prejudicaram-no. Desejamos pronto restabelecimento.

—Também esteve mal a ex.ma sr.ª D. Maria do Pilar Candeira, da casa do Souto, mas vai um pouco melhor, o que muito estimamos. Também passa mal e guarda o leito o nosso amigo sr. José Gomes dos Santos, a quem desejamos melhoras.

—Uniram-se pelos laços do Matrimónio, ontem, na igreja paroquial desta frèguesia, António Gomes da Costa e Maria Joaquina Gonçalves da Cunha. Que tenham um futuro radiante de venturas.

—Faleceu em Sequiade a sr.ª Joaquina Pereira. Segundo a vontade que em vida manifestára, foi sepultada no cemitério de Cambezes.

—Nesta frèguesia faleceu a sr.ª Laurinda Gomes, da casa da Madalena. Que Deus lhes conceda o eterno repouso na pátria dos justos.

—E' amanhã a tradicional festa de St.º Amaro, na igreja do mesmo nome em St.ª Eulália de Arnoso. E' a romaria dos figos, das iscas, das regueifas e do vinho branco, o que não é mau para quem tiver boa moéla. Sem estes confortos o povo não acha graça ás romarias. Que lhe faça bom proveito.

—C.

Campo, 14

E' no próximo domingo que se realisa nesta freguesia a festividade em honra de Santo Amaro e S. Sebastião, a que acorrem sempre numerosos devotos, sobretudo quando o tempo o permite. Apesar de a última colheita ser muito escassa, e bastante diminuto o rendimento das esmolas, os respectivos tesoureiros empregam todos os esforços para que a festa a realisar seja revestida do brilho e luzimento dos anos anteriores.

—Em cumprimento dum voto de Domingos Barbosa de Oliveira e esposa, ausentes em França, houve hoje na igreja paroquial missa cantada e sermão em honra de Nossa Senhora do Rosário.

—Depois de passar entre nós as férias do Natal, já retirou, com sua estremosa familia o sr. dr. José Duarte Pinheiro, digno professor do liceu em Guimarães. Em sua companhia seguiu tambem o menino Zacarias Neiva Duarte Pinheiro, filho dedicado do sr. Guilherme Pinheiro.

—Com o nome de João Silvestre, batisou-se hoje um filhinho do nosso bom amigo sr. José Lopes da Mota, tendo sido padrinhos o Rev. João Alves Pereira e Dorotea Lopes da Mota.

—Encontra-se várias pessoas com a gripe, não havendo contudo casos de gravidade.—C.

Vila Cova, 15

Maria de Sá que esteve gravemen- doente, chegando a prevenir-se com s últimos sacramentos, vai melhoran- o muito dia a dia.

—O sr. Dr. João Novais, esteve qui no último domingo e seguiu para urrães. Chegava de Lisboa, onde icançou brilhante classificação em oncurso para médico do exército, a ue concorreu.

Receba os nossos sinceros para- ens. O novel médico, inteligência rilhante, é um crente praticante, de omunhão frequente. Honra sobrema- eira o nome que herdou.—C.

Perelhal, 16

E' no dia 21 do corrente, domingo róximo, que principia a Santa Mis- ão, desde há muito anciosamente es- erada, pelo bom povo desta freguesia. Já está publicado e distribuido o rograma que é o seguinte:

Programa da Santa Missão que Paroquial Igreja de Sam Paio de erelhal do Arciprestado de Barcelos Arquidiocese de Braga, veem dar os ev.mos Senhores Padres Franciscanos, rei Luiz de Sousa e Frei Alberto Tei- eira, a principiar no dia 21 de Janei- o e a findar no dia 5 de Fevereiro o corrente ano de 1934.

Programa:—Dia 21, domingo—Aber ura solene da Santa Missão. A's 6 ho- as—Missas, recitação do terço do Ro- ário com cânticos, comunhão, prática Bênção do SS. Sacramento. A's 9 meia horas—Missa resada. A's 14 e meia horas—Doutrina e ensaios para s crianças da Cruzada Eucarística e a Catequese. Às 16 horas Recitação o têrço do Rosário com cânticos, rática e Bênção do SS.mo Sacramento.

Dia 22, segunda-feira. A's 5 horas— issa, comunhão, recitação do têrço o Rosário com cânticos prática e Bên ão do SS.mo Sacramento. Durante a anhã: Confissões para quem as dese- ar. A's 15 horas—Doutrina para as ianças e ensaios. A's 16 horas e meia—Recitação do terço do Rosário om cânticos, prática e Bênção do SS. acramento.

Dia 23, terça-feira. A's 5 horas—Tu- como no dia 22. Durante a ma- hã: Confissões como no dia 22. A's 5 horas—Doutrina e ensaios para as ianças. A's 16 horas e meia—Tudo omo no dia 22.

Dia 24, quarta feira. A's 5 horas— udo como no dia 22. Durante a ma- hã: Confissões como no dia 22. A's horas—Conferência para jovens e onzelas. A's 15 horas—Doutrina e nsaios para as crianças. A's 16 ho- as e meia—Tudo como no dia 22.

Dia 25, quinta feira. A's 5 horas— udo como no dia 22. Durante a ma- hã: Confissões como no dia 22. A's 5 horas—Doutrina e ensaios para as ianças. A's 16 horas e três quartos— udo como no dia 22 ás 16 horas e eia. A's 19 horas—Conferência pa- jovens.

Dia 26, sexta-feira. A's 5 horas—Tu- como no dia 22. Durante a ma- hã: Confissões como no dia 22. A's horas—Conferência para donzelas. s 15 horas—Doutrina para crianças ensaios e prática. A's 16 horas e ês quartos—Tudo como no dia 25. s 19 horas—Conferência para os me- ários e irmãos das Confrarias, zelado- as do C. de Jesus e associados. (Só ara homens).

Dia 27, sábado. A's 5 horas—Tudo omo no dia 22. Durante a manhã: onfissões reservadas para as crianças a Cruzada Eucaristica e da Catequese. No fim das crianças para quem as desejar. A's 15 horas e meia—Prá- ica para as crianças da Cruzada e atequese. A's 16 horas e três quar- os—Tudo como em 25. A's 19 ho- as—Conferência para homens.

(Continua no proximo numero)

C.

«Notícias de Barcelos»

Assinantes de Barcelos

Avisamos os nossos assinantes da cidade que estamos procedendo á cobrança do ultimo trimestre do ano findo.

A todos pedimos o especial favor de liquidarem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

Assinantes do Concelho

A todos os assinantes do concelho onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o especial favor de virem pagar as suas assinaturas.

Os respectivos recibos encontram-se já tirados na tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral.

FURTADO MARTINS
Advogado
Rua D. Antonio Barroso, 71

Advogado
António Pedrosa Pires de Lima
Largo de S. José, n.º 53
Consultas das 4 ás 6

Procurador Corrêa
Largo José Novais n.º 8

José Perestrelo
Largo José Novais - BARCELOS
Automoveis de aluguer
Oleos e gasolinas

6.600$00
Precisam-se a juros. Dá-se 1.ª hipoteca. Falar nesta redacção.

João Bernardino Ribeiro
Avenida Alcaides de Faria
(Largo da Estação)
BARCELOS Tel. 82

Pensão e Restaurante—Vinhos Tintos e Brancos das melhores procedências. Casa de banho e aposentos com todo o confôrto.
Mercearia—Vinhos licorosos e cereais. Sempre os melhores preços.
Depositos e Revendas das afamadas aguas minerais de VIDAGO, MELGAÇO e PEDRAS SALGADAS.

Consulte a minha tabela de preços.

Agencia da Companhia de Seguros «A MUNDIAL». O maior organismo segurador português. Seguros em todos os Ramos. Os melhores premios.

Colegio de Santa Ana
BARCELOS
Para educação de Meninas
Recebe alunas internas, semi-internas e externas, para intrução primária e secundária—Curso geral dos Liceus.
Pedir prospectos á Direcção

Venda de propriedades

Colegio das Necessidades—ótimo edificio para grande familia, colegio ou industria. «Quinta das Telheiras», aproximadamente com 47 mil metros quadrados, com casa para caseiro, lavradio e mato, toda morada e com ramadas de vinho em toda a volta. «Campo das Fontes»—grande campo com bouça e pinheiros. «Campo da Vessada»—uma grande propriedade, morada, cita no lugar do Terreiro, casas pequenas de habitação, com ramadas e engenho de rega.

Facilita-se o pagamento.

Todos estes predios podem ser vistos das 12 ás 16 horas. Tratar com Abilio Dias Costa, no mesmo predio do Colegio.

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

3.ª praça

1.ª publicação

Por virtude do ordenado na execução por custas que o Ministério Público move contra Ana Ferreira Pedras e marido Artur da Silva e Rosa de Jesus Cardoso e marido António da Silva Carneiro, da fréguesia de Arcoselo, no dia 28 do corrente, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, há-de proceder-se á arrematação em hasta pública e em terceira praça do seguinte prédio:

Bouça das Barreiras, de mato e pinheiros, sita no logar das Barreiras, freguesia de Tamel São Verissimo, que vai á praça por qualquer valor.

Para assistir á praça e mais termos do processo são citados os interessados e credores incertos.

Barcelos, 16 de Janeiro de 1934.

O Chefe da 3.ª secção:
Candido Cardoso

Verifiquei
O Juiz de Direito:
A. de Palhares Falcão

COMARCA DE BARCELOS

Anúncio

3.ª praça

1.ª publicação

No dia 28 do corrente, por 11 horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, é posto em 3.ª praça e sem valor o prédio: LEIRA de mato no Mazagão, da fréguesia de Oliveira, penhorado no processo de execução que a Fazenda Nacional move a José Joaquim Ferreira, da fréguesia da Lama, que será entregue aquem maior lanço oferecer, pagando o arrematante as despezas da praça e a sisa. São para os devidos efeitos citados por êste meio todos os crédores ou quaisquer interessados incertos.

Barcelos, 15 de Janeiro de 1934.

O Chefe da 2.ª secção:
Delfino de Miranda Sampaio

Verifiquei
O Juiz de Direito:
A. de Palhares Falcão

«Noticias de Barcelos»
TELEFONE
123

EDITAL

A Comissão Administrativa da Junta de fréguesia de Vila Seca, concelho de Barcelos:

Faz público que está em reclamação em casa do respectivo tesoureiro Joaquim Eiras, das 12 ás 15 horas, de todos os dias úteis, por espaço de 20 dias, a contar da publicação deste, o rol da derrama que a mesma deliberou lançar para as despezas da mesma Junta e especialmente para ser aplicada ao alargamento e ampliação do cemitério paroquial que lhe foi imposto pela autoridade sanitária e cujo processo foi aprovado por despacho do Ex.mo Governador Civil do Distrito.

Vila Seca, 10 de Janeiro de 1934.

O Presidente da Comissão:
Manuel da Silva Nunes

NA CAPITAL DO DISTRITO

Continuado da 3.ª página

A' margem da lei, não pode ser permitido a ninguém medrar, por isso, os partidos políticos de tam triste e negra memória, não podem ser reconhecidos por todo o verdadeiro defensôr do Estado Novo.

Disse há pouco, que era preciso, que para além da Ditadura ficasse ainda a Ditadura; assim mesmo o entende *Salazar*, querendo dar á Nação, mais que *o oiro que tem amealhado nos cofres públicos.*

A existencia duma fôrça é sempre precisa, para fazer frutificar todas as ideas.

Essa fôrça teve-a *Salazar*, teve a o *Estado Novo* desde a primeira hora, uma vez que o 28 de Maio foi recebido com entusiasmo pelo País.

E' porem uma fôrça organizada, uma fôrça que ao mesmo tempo seja uma escola de preparação, uma fôrça que colabore com o Governo, uma fôrça que divulgue, espalhe e ensine a doutrina nova, que a Nação precisava.

Da necessidade dessa fôrça nasceu a constituição da União Nacional.

A União Nacional que é constituida, ou deve ser, por todos quantos seguem Salazar, por todos quantos desejam ver realizado o Estado Novo, tem moldes novos em que se tem de mover, para que a sua acção resulte mais proficua e proveitosa para o País.

No Estado actual, e com as novas idêas que vão surgindo, é preciso uma fôrça disciplinada que as procure impôr e fazer frutificar.

Num Estado democrático, falho de autoridade e de principios, bastava para manter em efervescencia os *bas-fonds* das suas clientelas, uma política de profissionais, uma duzia de políticos, para manejar o Povo nas ocasiões oportunas.

Num Estado que pretende ser o regulador de tôda a ordem social, política e económica, que pretende pautar a sua acção por idêas e directrizes novas, essa fôrça, tem de ser consciente e energica e ao mesmo tempo uma escola de aprendizagem de civismo e patriotismo.

A União Nacional, Minhas Senhoras e Meus Senhores, tem de ser a garantia da continuidade do esfôrço de Salazar, a certeza do seu triunfo.

Temos de ensinar á Nação a rezar todo um livro de conceito e idêas admiraveis; temos de procurar repôr a Patria nas suas bases históricas e tradicionais, temos de dignificar a familia, fazendo-a reviver e lutando pelo restabelecimento das suas bases, temos de substituir todo um individualismo que fez do homem o lôbo do homem, por uma solidariedade mais humana e mais Cristã.

Não podemos firmar os alicerces do Estado Novo, sem combatermos tôda a desordem que ameaça contaminar todo o organismo social, sem combatermos as sociedades secretas, sempre em luta contra as idêas nacionalistas.

Hoje em política, não se pode ser do partido do Governo, estando filiado ao mesmo tempo no partido do Sr. A. ou do Sr. B. Temos de ser totalitários, temos de pensar com unidade e com critério.

São êstes os fins da União Nacional, é esta a sua política, e é esta a razão porque eu aqui estou nesta sessão de propaganda.

A política como eu entendo, é um meio para atingir um determinado Estado, um certo conjunto de realizações; e é por isso, que a política assim entendida, se chama Política Nova, em oposição á Política Velha, á política fim de si mesma, á política que não era o fim de nada porque ia sendo o fim de todos nós.

Minhas Senhoras e Meus Senhores: estão terminadas as minhas palavras, que nada teem de notavel a não ser a sinceridade; mas antes porém que os écos da minha voz se apaguem, quero testemunhar á cidade de Braga, a certeza que tenho, de que ela com os valiosos elementos que possue há de ser um sustentáculo da política Nova, uma vez que foi ela a primeira terra a sentir a necessidade de uma revolução e a dar o primeiro viva ao Estado Novo.

Os aplausos que o sr. dr. Furtado Martins recebeu ao terminar o seu discurso repetiram-se quando se levantou para falar o sr. dr. Luiz de Almeida Braga, orador de vastos recursos cuja palavra era esperada com interesse.

Principiou o orador por dizer que há vinte anos vem defendendo na imprensa, verbalmente, e atravez do livro alguns dos conceitos que vê agora informarem o espirito do Estado Novo.

Ataca o liberalismo, atribuindo-lhe todos os males de que a humanidade vem sofrendo, e enaltece as Ditaduras.

Foi sob a Ditadura de Poincaré que a França venceu a guerra; foi sob a Ditadura que a Italia se impoz ao mundo e que a Espanha de Primo de Rivera eliminou a chaga de Marrocos.

Porem, como Primo de Rivera se preocupou apenas com o «arrumo da casa», despresando a parte espiritual, a Espanha veio parar ao cáos em que agora se debate.

Quanto a meios de acção, o orador aconselha o emprego da violencia para eliminar resistencias nefastas e diz que liberdade sem disciplina e sem ordem é dissolução e catastrofe.

Amemos os homens, mas aniquilemos sem piedade os seus erros.

Para estabelecer a ordem eficazmente, é necessário primeiro conquistar e dominar as inteligencias.

«Ao principiar era o verbo», proclamava na portada de um livro o seu querido amigo e companheiro Antonio Sardinha, cuja memoria evocou enternecidamente, dizendo que sentia no mais intimo do seu coração o sagrado orgulho que nesta hora havia de sacudir aquele seu amigo, vendo triunfantes e colhidos pelos poderes publicos alguns dos principios que formaram o Evangelho e foram o sonho mais belo da sua mocidade.

Refere-se depois, á Ditadura financeira e sustenta que precisa ser amparada pela Ditadura politica.

Com efeito, sobre as ruinas do Estado liberal e democratico começa a levantar-se agora o Estado Nacional Corporativo.

Define o que seja Estado Nacional Corporativo, terminando por dizer que ele é a inteligencia, o braço e o coração da Patria.

O Estado liberal esse era uma feira franca de vaidades irritadas cuja regra individual era a lei do ouro. Pelo contrario o Estado Nacional é uma organisação de familias que formam corpo com os municipios e com as corporações da inteligencia e do trabalho.

Combate o individualismo, dizendo que se queremos dar á vida nacional o seu maximo esplendor não pode o individuo ser considerado como fim supremo da sociedade.

A sociedade tem fins proprios e imanentes de conservação, de expansão e de aperfeiçoamento distintos dos individuos que num dado momento a formam.

Para que perdure e dê a cada homem as maximas garantias de felicidade na terra, a sociedade, tem de ser considerada na continuidade da sua existencia, que ultrapassa a dos individuos.

Os individuos nascem crescem e morrem e outros os veem substituir.

São os homens como as folhas que no outono o vento leva e despersa e num momento ergue no ar, o sol beija, acaricia doira e logo revolteiam e caem e se perdem na sombra como pó do caminho. Enquanto que a unidade social, a Patria, é como o tronco da arvore, firme e erecto, de raizes amarradas á terra desafiando o sol e as tempestades.

A Patria, sempre egual a si mesma, tem um patrimonio proprio, essencial, espiritual de ideias e de sentimentos que cada geração recebe das gerações passadas para transmitir ás gerações futuras.

O orador, por ultimo, refere-se aos conceitos de soberania e representação, dizendo que esses conceitos andaram confundidos nos ultimos cem anos, sendo dessa confusão que nasceu parlamentarismo.

Agora soberania e representação voltam a ser orgãos diferentes na vida do Estado.

O sr. dr. Luis de Almeida Braga terminou por um vibrante acto de fé nas virtudes de Portugal.

Recolhimento-Asilo do Menino Deus

No proximo domingo, ás quinze horas, no Recolhimento do Menino Deus, realisa-se a récita desempenhada pelas educandas desta casa de caridade e dedicada aos seus bemfeitores, a quem vão ser feitos convites e enviado o respectivo programa.

João de Sousa

Já se encontra completamente restabelecido do ataque de gripe que durante alguns dias o obrigou a guardar o leito o nosso brilhante colaborador sr. João de Sousa.

«Noticias de Barcelos»

Por absoluta falta de espaço sacrificamos muito noticiário que no próximo numero será publicado, assim como vária colaboração, pelo que pedimos desculpa aos seus autores.

CASA DO CONSTANTINO

Estabelecimento de vinhos
—: e comidas :—
LARGO JOSE' NOVAIS

Visitem esta nova casa. Nela se encontrará sempre os melhores vinhos, a preço sempre de combate. Comidas feitas com o maior esmero e a preços convidativos.

Moto Indian

Vende-se em bom estado e em bom preço.

Nesta redacção se informa.

VIVENDA

Vende-se ou aluga-se a «Vila Santo António» na Avenida Alcaides de Faria.

Tem bastantes divisões, com garage, casa anexa e terreno de jardim, pomar e horta, com água própria, medindo cêrca de 1,500^{m}.

Compreende instalações eléctricas, agua quente e fria, fogão circular para lenha e carvão e motor eléctrico. Ver na mesma.

COMARCA DE BARCELOS

Anúncio

Nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 134 do Decreto n.º 21.287 de 26 de Maio de 1932 se anuncia que no dia 15 do corrente foi distribuída ao cartório da 1.ª secção uma Acção de Interdição por Demência contra Francisco Cardoso Senra, solteiro, proprietário e empregado do correio aposentado, residente na fréguesia de Abade do Neiva, desta comarca, tendo já sido passados e afixados os respectivos editais.

Barcelos, 16 de Janeiro de 1934.

O Chefe da 1.ª Secção:
Manuel Cardoso d'Albuquerque
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito:
A. de Palhares Falcão

AVISO

A CAMARA MUNICIPAL DE BARCELOS:

Torna público que todos os vendedores de leite teem-se que munir dos respectivos cartões até ao fim do corrente mes, que serão fornecidos na Secretaria da Câmara, mediante a apresentação de dois retratos e o respectivo atestado médico.

Barcelos e Camara Municipal, 15 de Janeiro de 1934.

O Presidente:
Joaquim Furtado Martins

EDITAL

Francisco José Monteiro Torres, Administrador do Concelho de Barcelos:

TORNA PUBLICO

Que—todos os industriais de padaria, que ainda não tenham legalizado as suas licenças e que tenham já recebido, por intermédio da Delegação da Inspecção Técnica do Porto, intimação para a entrega de documentos que faltam nos respectivos processos e para requererem a vistoria aos seus estabelecimentos e outras formalidades exigidas, abreviem a remessa desses documentos e perguntem á Delegação do Porto quais os que faltam nos respectivos processos, requerendo a indispensável vistoria logo que estejam concluídas as obras para que foram intimados.

Barcelos, 15 de Janeiro de 1934.

E eu, António Pedrosa Pires de Lima, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Administrador do Concelho:
Francisco José Monteiro Torres